

COMO ESCREVER UM CURRÍCULUM

H. CARMONA DA MOTA

Hospital Pediátrico. Faculdade Medicina. Coimbra.

RESUMO

Propõem-se normas para a redacção dum curriculum médico, de modo a evitar uma acumulação excessiva de dados, seleccionando os de maior interesse.

SUMMARY

How to write a curriculum

General rules for writing a medical curriculum are presented, stressing the need to get rid of non important data.

Como escrever um curriculum

Concursos e exames são sempre provas delicadas tanto para os candidatos como para os júris. A experiência, nem sempre agradável, de algumas destas provas levou-me a alinhar algumas notas, com o objectivo de ajudar os candidatos a simplificar os curricula sem perda de informações pertinentes.

Um curriculum não é uma biografia. Deve ser uma síntese dos factos relevantes para o fim em vista. Será necessariamente curto (mesmo que os factos sejam numerosos há que escolher os mais importantes) e diferente, de acordo com os objectivos de cada concurso ou exame.

A — De um modo geral um curriculum deve privilegiar as tarefas mais recentes, desempenhadas no cargo que actualmente ocupa; as tarefas anteriores devem ser muito sumariamente abordadas (já foram avaliadas em provas ou concursos anteriores, cujos resultados serão apresentados).

B — Todos os factos importantes deverão ser documentados
a) Os resultados dos exames ou concursos, com as respectivas classificações, âmbito do mesmo, número total de candidatos e a ordenação que lhe coube.

b) As informações que lhe foram atribuídas pelo/s responsável/s (de preferência mais do que um), mas apenas as que se refiram a períodos ou tarefas recentes. Num concurso para Chefe de Serviço, têm pouco interesse as informações colhidas durante o internato.

c) As comunicações apresentadas poderão ser confirmadas; é indispensável que sejam referidos, com exactidão, o nome ou nomes dos autores, o título, a reunião onde tiveram lugar e a data.

É muito diferente o valor atribuível a uma palestra no serviço e a comunicação numa reunião nacional ou internacional, de prestígio.

Muito útil é a apresentação dum resumo suficientemente explícito das mesmas.

d) Os trabalhos publicados deverão ser referidos segundo as normas correntes.

Separatas dos mesmos facilitarão a tarefa do júri.

e) Só têm valor os certificados de presença em cursos que tenham implicado selecção prévia dos candidatos ou avaliação final. Não têm qualquer valor curricular as fotocópias de certificados de presença nas inúmeras reuniões, simpósia, encontros, jornadas ou *courses*, independente do mérito de cada um deles.

Por outro lado o júri não deixará de avaliar o modo como o candidato procurou actualizar-se.

C — Um curriculum dum candidato deverá referir o que conseguiu realizar; só muito excepcionalmente poderão ser avaliados objectivamente os alegados esforços de que nada resultou. Será útil indicar resumidamente o meio em que trabalhou sem cair no extremo de *descrever o Serviço* ou as tarefas óbvias que terá desempenhado e muito menos, na lamentável tentação de procurar justificar o nada ter conseguido fazer.

D — Um curriculum deve ser elaborado de acordo com o tipo de concurso ou exame a que se destina.

O curriculum elaborado para o exame final do internato de especialidade, privilegiará o que fez no internato; resumirá telegraficamente o que se passou no internato geral e poderá indicar a classificação de licenciatura em Medicina e eventualmente a de uma ou duas cadeiras relevantes.

O curriculum para o concurso de provimento de Assistente Hospitalar poderá ser o mesmo com uma adenda que refira a classificação final do internato e os trabalhos ou tarefas que entretanto tenha tido oportunidade de realizar.

O curriculum para titulação de Chefe de Serviço será substancialmente diferente. O que está em causa agora é a avaliação do que se fez enquanto Assistente Hospitalar, ou melhor, o que se fez para além das tarefas que se espera

sejam desempenhadas por um Assistente Hospitalar (que para isso é remunerado) e que justifiquem a distinção com o grau de Chefe de Serviço. Não poderá pois ser conseguido com uma adenda ao curriculum anterior.

O curriculum dum Assistente Hospitalar que tenha trabalhado num pequeno Serviço dum Hospital Distrital, com um quadro reduzido e poucos recursos será necessariamente diferente dum outro que tenha trabalhado num grande Serviço dum Hospital Central. Os parâmetros de avaliação serão também necessariamente diferentes.

Do primeiro espera-se que tenha contribuído para uma melhoria dos cuidados aos doentes, de acordo com os recursos e as prioridades definidas. Há pois que avaliar a estratégia escolhida e os resultados conseguidos.

Do segundo espera-se que dê conta da qualidade e diferenciação conseguida e do cuidado que terá tido em transmitir aos seus colegas os resultados da sua experiência privilegiada.

Eminentemente técnico, neste tipo de concurso pesam pouco as actividades extra profissionais que poderão ter muito interesse num concurso de provimento em que se procura um dado perfil profissional e humano para um determinado lugar.

- E — A ordenação do curriculum ficará ao critério do candidato. A ordem cronológica é a mais simples. No entanto, se as normas do concurso referirem critérios de valorização será aconselhável utiliza-los na elaboração do curriculum.

É aconselhável que não haja repetições da mesma informação embora possa haver lugar a remissões para dados insertos noutras páginas. É no entanto muito útil que o curriculum termine com um resumo de uma página contendo os dados mais relevantes.

Um bom índice favorece sempre o curriculum.

- F — Os trabalhos publicados responsabilizam todos os autores. Ao referi-los no curriculum o candidato assume-os por inteiro, partilhando do seu valor; deverá estar prepa-

rado para esclarecer eventuais dúvidas ou responder a eventuais críticas, na área da sua competência.

O valor dum trabalho — e a responsabilidade pelo mesmo — não é uniformemente distribuído por todos os autores. Pressupõe-se que o primeiro autor seja o que mais se empenhou na realização do mesmo. Assim será considerado pelo júri.

Salvo excepções, dum trabalho de mais de 3/5 autores, pouco valor caberá e cada um deles, salvo o primeiro (e eventualmente o último, se se entender que se trata do senior que avalia o trabalho).

Não serão avaliados os trabalhos não comunicados nem publicados, como que escritos expressamente para o curriculum; como tal não deverão figurar nem ser anexadas ao curriculum. O mesmo acontece com os trabalhos *em publicação* ou *enviados para publicação*. Só são considerados os trabalhos *aceites para publicação* se tal for confirmado pelo editor da revista.

- G — Um curriculum define um indivíduo tanto pelo conteúdo como pela forma. A clareza e a elegância da redacção; a exactidão e a riqueza do vocabulário; o cuidado na apresentação gráfica e na revisão do texto (sem gralhas) são factores que o júri não deverá deixar de considerar.

O objectivo deste trabalho é ajudar os candidatos a redigir um curriculum da maneira mais simples e objectiva possível. Toda a discussão sobre o valor dos exames ou a pertinência dos concursos, sobre a avaliação do conteúdo dos curricula e os diferentes critérios de valorização pelos diferentes membros de diversos júris, embora muito importantes, está de fora do âmbito deste trabalho.

Pedido de Separatas:

H. Carmona da Mota
R. António Jardim, 249
3000 Coimbra

COMENTÁRIOS EDITORIAIS

A divulgação de normas para a elaboração de um Curriculum Vitae deve ser saudada com entusiasmo. É esta a minha posição perante o artigo do Prof. Carmona da Mota. Com efeito, quem passou a sua vida profissional envolvido em concursos públicos, quer como concorrente, quer como membro do júri, sabe das enormes dificuldades na forma e conteúdo da apresentação dos curricula, e das tremendas dificuldades em, por vezes, *adivinhar* a realidade por detrás do que está escrito.

Por estas razões apoiamos inteiramente as regras que obriguem a objectividade e informação factual, evitando a fantasia. Por outro lado seria muito vantajoso para uma mais correcta apreciação que todos os curricula adoptassem a mesma ordem de exposição dos factos e, obrigatoriamente, nos fornecessem um índice ou uma síntese clara dos principais elementos.

Um Curriculum pode ter 3 ordens de elementos: profissionais, científicos e pedagógicos. E que não se pretenda que todos são obrigatórios: um médico pode ter um magnífico curriculum profissional com escassa investigação científica ou actividade peda-

gógica explícita. Forçar artificialmente a existência destas últimas pretendemos com isto dar reforço ao perfil profissional parecendo-nos errado e falso.

Neste sentido se devem entender as normas esboçadas pelo Prof. Carmona da Mota, que se refere essencialmente aos curricula para concursos hospitalares. Acrescentaremos apenas comentários em relação a 2 pontos específicos: áreas da Medicina Interna (M.I.); e carreira académica.

A meu ver seria fastidioso referir na M.I. o tipo e número dos doentes observados. Mas parece-me fundamental analisar claramente:

- Tipos de patologia mais frequentes nos Serviços frequentados pelo candidato;
- Experiência de urgência e cuidados intensivos;
- Participação *activa* em sessões clínicas de variados tipos (casos, anat. patológica, radiologia, etc.);
- Subespecialização (se a houve) dentro da Medicina Interna, como e onde foi obtida;

— Aprendizagem de técnicas especializadas, e seu enquadramento clínico (indicações, contra-indicações, acidentes, resultados práticos, etc.).

A publicação de casos clínicos ou de análises de técnicas em que se tenha trabalhado, ajuda substancialmente o candidato a demonstrar as suas capacidades e o júri a conhecer melhor o que se encobre com as intermináveis referências a Serviços onde se estagiou ou técnicas que se aprenderam. Num país sem grande tradição nos julgamentos curriculares, todos os candidatos chegam aos concursos com magníficas informações dos Serviços por onde passaram. É no seu próprio interesse tentar objectivar esse esforço ou preparação por meio de publicações de carácter clínico.

Por outro lado, a preparação em M.I. é hoje cada vez mais difícil e muito mais que em qualquer especialidade. Isto porque todos os ramos da M.I. se diferenciaram extraordinariamente, dispõem de tecnologia cada vez mais complexa e uma extensão de conhecimentos difícil de abarcar por uma mesma pessoa. A verdade é que a maioria dos Serviços (senão a totalidade) são incompletos, porque não abrangem o mínimo de subespecialidades consideradas indispensáveis para uma autêntica formação em Medicina Interna. Para responder a esta questão os Hospitais portugueses e o Colégio de M.I. da Ordem dos Médicos deviam organizar-se para definir um programa mínimo que qualificasse para o exame final. Enquanto isso não acontecer fica ao critério de cada um definir o *seu* programa, e ser vítima das inevitáveis assimetrias actualmente existentes. Qualquer programa deve contar com estágios *significativos* em pelo menos 3 das subespecialidades mais volumosas em movimento de doentes.

Estas considerações levam-nos a abordar o segundo ponto: a carreira académica. Para esta exige-se, ou devia exigir-se, além de comprovada formação profissional, actividade de investigação científica e experiência pedagógica. Estas actividades não se podem confundir com a referida preparação profissional. Dar nomes diferentes à mesma coisa, para apresentar um Curriculum aparentemente maior e melhor, é tentar ludibriar um júri, que facilmente desmascara a manobra.

De qualquer modo, se o candidato participou em programas

de investigação científica, laboratorial ou clínica, deve mencioná-lo explicitamente em capítulo próprio, com todos os elementos que permitam conhecer o seu tipo de participação e a qualidade do produto final. A simples referência do local onde foram apresentados ou publicados os trabalhos fornece uma ideia clara da sua qualidade.

Enquanto na carreira hospitalar pode ser facultativa a actividade em investigação, na carreira académica deve exigir-se que ela faça parte obrigatória do Curriculum. Daqui que o candidato a esta carreira deva, desde muito cedo, integrar-se em grupos ou centros onde existam programas permanentes de investigação científica, para neles participar. Da sua vitalidade, inteligência, imaginação e trabalho surgirão concertada ideias e projectos que o levam a ser autor ou co-autor de comunicações e trabalhos publicados.

Quando uma mesma comunicação é apresentada em várias Reuniões ou Congressos, tal facto deve ser claro, e não encoberto como se tratasse de trabalhos diferentes. Por outro lado, é indispensável que a várias comunicações correspondam a trabalhos publicados. Apenas o trabalho publicado na íntegra (e não em resumo) permite uma análise crítica do seu valor.

Por outro lado, a maioria dos congressos são muito permissivos na admissão de comunicações ou posters, enquanto que a publicação na íntegra, sobretudo em revistas internacionais, passa por um filtro crítico apertado.

A actividade pedagógica tem muito de forte envolvimento pessoal, intelectual e anímico. Comunicar exige conhecimentos, afectividade e iniciativa. Só deve candidatar-se à carreira académica quem se sinta atraído por estas actividades que são por vezes muito pesadas. A sua participação em actividades de ensino pré e pós-graduado deve ficar clara no Curriculum, bem como todas as iniciativas inovadoras que tomou em sector tão estimulante.

A discussão de um Curriculum na carreira académica inclui obrigatoriamente a discussão crítica da formação profissional, da produção científica, e da actividade no ensino pré e pós-graduado. Sem gongorismos ou afectação o Curriculum escrito deve facilitar ao júri o fácil acesso a todos estes elementos.

Prof. J. Pinto Correia

Atendendo ao pedido do Editor para comentar o artigo do Prof. Carmona da Mota, começarei por frisar o interesse que me despertou a sua leitura e a actualidade do assunto em causa. Concorrendo com a maioria das ideias expostas, há no entanto aspectos em que a nossa opinião diverge.

As tradições curriculares no nosso País nunca foram muito fortes e urge encarar este problema com segurança.

Um Curriculum não é de facto uma biografia, no entanto para um leitor que não conheça o candidato, se ele não contiver dados biográficos suficientes, difícil se lhe tornará ficar com uma ideia tão completa quanto possível do homem, não só como tal, mas também para o fim que pretende.

Com esta moda de concursos nacionais mais estes factores se agravam.

Se os concursos voltarem às instituições como tanto se apregoa, será possível estabelecer normas mais definidas, que facilitem a elaboração. O senso e o equilíbrio na utilização biográfica permitirão ao leitor uma melhor penetração e conhecimento das

qualidades do autor. A transmissão das preocupações também ajudará à definição da personalidade.

Caberá às instituições não se fecharem sobre si próprias e serem abertas à entrada dos melhores.

Concordando com o privilegiar as tarefas mais recentes, no último cargo ocupado, é preciso no entanto lembrar a disparidade com que têm sido constituídos os júris, muitas vezes extremamente heterogeneos, com elementos com carreiras indefinidas, agravado pela balburdia em que se tem vivido nos últimos anos, o que é sobejamente demonstrado pela análise dos resultados obtidos por um mesmo candidato em júris diferentes.

Isto torna necessário um maior alargamento na descrição das actividades.

A validade das informações tem sido um ponto de discussão pois o cuidado na sua elaboração seria muito maior se os concursos fossem institucionais, pois o anonimato do candidato seria muito menor e o informador também estava em causa.

Quanto às comunicações e trabalhos apresentados o nosso acordo

é total, contribuindo decisivamente para o trabalho escrito que permitirá uma mais fácil diferenciação.

São estas as breves reflexões suscitadas pela leitura do artigo

do Prof. Carmona da Mota que volto a dizer, considero muito útil no momento presente, não só pelo que contém, mas também pelo abrir duma discussão que se impõe.

Dr. José Mendes de Almeida

Embora globalmente de acordo com a proposta do Prof. Carmona da Mota, permito-me fazer duas observações, uma de carácter geral, outra específica das especialidades de cariz laboratorial:

1 — Os concursos para Chefe de Serviço (mesmo quando de mera titulação) não servem apenas para avaliar as capacidades técnicas do candidato, as quais já deverão ter sido suficientemente demonstradas com profundidade no concurso de provimento em Assistente Hospitalar, esse sim eminentemente técnico.

O Concurso para titulação em Chefe de Serviço (que quanto a mim deverá desaparecer) mais não deve ser que a antecâmara do Concurso de provimento.

Sendo assim, servirá também para desde já avaliar características da personalidade do Candidato, de modo a permitir ao júri julgar se aquele poderá, com eficácia, dirigir, orientar e ensinar os colegas mais novos, bem como catalizar o trabalho de uma Equipe pela qual venha a ser responsável, ou mesmo se terá o perfil certo para um dia dirigir um Serviço. Por tais razões, é importante a descrição das funções eventualmente desempenhadas em lugares de Gestão Hospitalar, Direcção Médica, Organi-

zação de Cursos e Congressos ou reuniões clínicas idóneas, cargos e actividades desenvolvidas em Sociedades Científicas, bem como actividades extra profissionais que o Candidato julgue com interesse para os fins em vista.

2 — Nas especialidades de cariz laboratorial, o Candidato ao lugar de Assistente, deverá referir com detalhe o tipo de técnicas que realizou bem como as actividades clínico-laboratoriais que executou de modo a que o júri possa avaliar com clareza, os rumos que a sua formação tomou, para além da rotina mínima. Do mesmo modo deve apresentar a estatística do Serviço que frequentou para que possa ser avaliada actividade desempenhada.

Também o Curriculum para Chefe de Serviço não deverá esquecer a estatística do Serviço, bem como a forma como orientou a Secção ou sector que eventualmente dirigiu, que colaboração ao Director ou ao Chefe de Serviço no desenvolvimento ou montagem de novas técnicas, na escolha de aparelhagem ou no planeamento de novos laboratórios. Também deve referir as acções que desenvolveu, não apenas no ensino dos Internos mas também no ensino e reciclagem das Técnicas preparadoras.

Dr. Germano de Sousa
